



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

ALCELENE ALVES DIAS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM *POSTS* DO
FACEBOOK: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO DA LÍNGUA
MATERNA**

Cassilândia/MS
2015

ALCELENE ALVES DIAS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM *POSTS* DO *FACEBOOK*: UMA
ESTRATÉGIA DE ENSINO DA LÍNGUA MATERNA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul – Unidade de
Cassilândia, como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciado em
Letras – Habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof^a. Ma. Camila André do
Nascimento da Silva

**Cassilândia/MS
Novembro/2015**

DIAS, Alcelene Alves.

O preconceito linguístico em posts do facebook: uma estratégia de ensino da língua materna. 2015.

37 f.: 21 x 29,7 cm

Orientador: Prof^ª.Ma. Camila André do Nascimento da Silva

TCC - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia. Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês.

1. Facebook. 2. Preconceito linguístico. 3. Ensino

Código de área CNPQ:

CDD:

ALCELE ALVES DIAS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM *POSTS* DO *FACEBOOK*: UMA
ESTRATÉGIA DE ENSINO DA LÍNGUA MATERNA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras
Habilitação Português/Inglês.

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Ma. Camila André do Nascimento da Silva
Presidente

Prof^ª. Esp. Cátia Soares Madaleno Menezes

Prof. Me. Renato Rodrigues Pereira

**Cassilândia/MS
2015**

Dedico este trabalho às pessoas que estiveram ao meu lado todos os dias, sempre me incentivando a continuar, dando-me forças e coragem. Aos meus pais que tanto amo Alceu Aparecido Dias Batista e Divina Irlene Dias (*in memória*) e aos meus filhos Gustavo Alves de Souza e Giovanna Alves. Enfim, dedico a todos que sempre acreditaram em minha capacidade e que muito contribuíram para que este trabalho fosse concluído com êxito. Sem o apoio destes eu nada seria.

AGRADECIMENTOS

Foram inúmeras as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Sem estas pessoas eu não conseguiria concluir com êxito. Em especial, agradeço:

Primeiramente a minha orientadora, prof^a. Ma. Camila André do Nascimento da Silva, por tanta dedicação, sempre com muita competência em suas orientações e com muita paciência me auxiliando da forma mais gentilmente possível.

Aos professores da UEMS, a todos da coordenação da unidade, obrigada pelo carinho e respeito a mim direcionado.

Aos meus amados filhos Gustavo Alves de Souza por estarem sempre do meu lado, razão pela qual eu nunca desisto de lutar pelos meus sonhos, crianças tão ingênuas que muitas vezes me ausentei, deixando-os tão pequenos e mesmo assim nunca me pediram para desistir. Amo vocês.

Ao meu companheiro Rogério Lopes da Silva, pelo apoio e incentivo.

À minha amiga Elis Regina Camacho pelo carinho e incentivo de todas as horas, meus sinceros agradecimentos.

Enfim, muito obrigada a todos que contribuíram para o sucesso deste trabalho.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.
(Marthin Luther King)

DIAS, Alcelene Alves. O preconceito linguístico em *posts* do *facebook*: uma estratégia de ensino da língua materna. 2015. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia.

RESUMO

Sabemos que o Brasil é um país que tem como característica uma imensa pluralidade linguística. O ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras é pautado na norma padrão e mantém foco na reprodução do “português correto e de bom uso”. Entretanto, tal norma linguística vem carregada de caráter preconceituoso, pois é tratada como a única variedade correta e a única a ser seguida, sendo desprezadas as demais variedades ocasionando o preconceito linguístico. O objetivo principal desta pesquisa é apresentar uma proposta de ensino sobre variação e preconceito linguístico, a partir do uso de *posts* do *facebook*, na sala de aula. Para tanto, pretende-se com este estudo, definir o conceito de variação linguística e preconceito linguístico, investigar a relação existente entre o preconceito linguístico e a aprendizagem dos alunos na sala de aula. Este trabalho tem o objetivo de proporcionar um momento de aprendizagem dinâmico e criativo, para um assunto muitas vezes discutido com indelicadezas e ausência de uma metodologia adequada ao contexto da sala de aula. A metodologia utilizada para a realização do trabalho obedece a procedimentos de pesquisa documental de cunho qualitativo e o embasamento teórico deste estudo será por meio de pesquisas bibliográficas, a fim de coletar o maior número possível de informações a respeito do tema proposto. Esperamos que este trabalho desperte interesses e desencadeie futuros estudos direcionados a fenômenos linguísticos. Lembramos que o conteúdo desse trabalho poderá interessar tanto estudantes do curso de Letras quanto professores que já atuam no contexto escolar e estão envolvidos com o ensino de língua portuguesa como língua materna.

Palavras-Chave: Ensino, Língua materna, Preconceito Linguístico.

DIAS, Alcelene Alves. O preconceito linguístico em *posts* do *facebook*: uma estratégia de ensino da língua materna. 2015. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso: Letras – Habilitação Português/Inglês. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Cassilândia.

ABSTRACT

We know that Brazil is a country that is characterized by an immense linguistic plurality. The teaching of Portuguese in Brazilian schools is guided by the standard norm and maintains focus on playing the "right and good use of Portuguese." However, this linguistic standard is loaded with biased character, it is treated as the only correct variety and the one to be followed, not accounting for other varieties causing the linguistic discrimination. The main objective of this research is to present a proposal for teaching about variation and linguistic discrimination, from the use of facebook posts, in the classroom. To this end, the aim of this study was to define the concept of linguistic variation and linguistic discrimination, investigate the relationship between linguistic discrimination and student learning in the classroom. This paper aims to provide a moment of dynamic and creative learning, a subject often discussed with unkindness and lack of an appropriate methodology to the classroom context. The methodology used to carry out the work is subject to documentary research procedures of qualitative nature and the theoretical basis of this study will be through literature searches in order to gather as much information as possible on the proposed theme. We hope this work arouses interest and triggers future studies aimed at linguistic phenomena. We remind you that the contents of that work could interest both Letters of course students and teachers already working in the school context and are involved with the Portuguese language teaching mother tongue.

Key-words: Education, Foreign Language, Language Prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
1.1 A heterogeneidade da língua: o preconceito linguístico	14
1.2 O que é variação linguística? Por que e como ensiná-la?	17
1.3 O Ensino de língua materna: as variações e o preconceito linguístico.....	20
1.4 O uso dos <i>posts</i> do <i>facebook</i> na sala de aula.....	23
2. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO EM *POSTS* DO FACEBOOK: UMA ESTRATÉGIA DE ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Alcelene Alves DIAS (G-UEMS)¹
alcelenedias@gmail.com

Camila André do Nascimento da Silva (UEMS)²
camilandreufms@hotmail.com

Resumo: Sabemos que o Brasil é um país que tem como característica uma imensa pluralidade linguística. O ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras é pautado na norma padrão e mantém foco na reprodução do “português correto e de bom uso”. Entretanto, tal norma linguística vem carregada de caráter preconceituoso, pois é tratada como a única variedade correta e a única a ser seguida, sendo desprezadas as demais variedades ocasionando o preconceito linguístico. O objetivo principal desta pesquisa é apresentar uma proposta de ensino sobre variação e preconceito linguístico, a partir do uso de *posts* do *facebook*, na sala de aula. Para tanto, pretende-se com este estudo, definir o conceito de variação linguística e preconceito linguístico, investigar a relação existente entre o preconceito linguístico e a aprendizagem dos alunos na sala de aula, Este trabalho tem o objetivo de proporcionar um momento de aprendizagem dinâmico e criativo, para um assunto muitas vezes discutido com indelicadezas e ausência de uma metodologia adequada ao contexto da sala de aula. A metodologia utilizada para a realização do trabalho obedece a procedimentos de pesquisa documental de cunho qualitativo e o embasamento teórico deste estudo será por meio de pesquisas bibliográficas, a fim de coletar o maior número possível de informações a respeito do tema proposto. Esperamos que este trabalho desperte interesses e desencadeie futuros estudos direcionados a fenômenos linguísticos. Lembramos que o conteúdo desse trabalho poderá interessar tanto estudantes do curso de Letras quanto professores que já atuam no contexto escolar e estão envolvidos com o ensino de língua portuguesa como língua materna.

Palavras-Chave: Ensino, Língua materna, Preconceito Linguístico.

Introdução

O Brasil é um país que tem como característica uma imensa pluralidade linguística, tendo em vista suas diversas regiões e respectivas diferenças nas questões de uso. De acordo com Bechara, “[...] uma língua histórica não é um sistema homogêneo e unitário, mas um diassistema, que abarca diversas realidades” (BECHARA, 1989, p. 15).

O ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras, é pautado na norma padrão e mantém foco na reprodução do “português correto e de bom uso”. Entretanto, tal norma linguística vem carregada de caráter preconceituoso, pois é tratada como a única variedade correta e a única a ser seguida, sendo desprezadas as demais variedades, ocasionando, assim, o preconceito linguístico.

A respeito do preconceito linguístico, Bagno (1999) faz a seguinte observação:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que

¹ Graduanda em Letras: Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS-UUC).

² Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS-UUC).

escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar e deficiente (BAGNO, 1999, p. 40).

Analisando a observação de Bagno (1999) durante as aulas de língua portuguesa, dá-se grande foco à classificação do que é certo e do que é errado, foco este que podemos denominar como marcas impregnadas pelo ensino tradicionalista, carregadas de preconceito linguístico, e responsáveis pelo total desconforto existente no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Para muitos estudiosos da língua portuguesa, há no nosso país uma tendência em observar a fala do outro e considerá-la errada, todavia essas observações e críticas não levam em consideração a diversidade linguística existente em todo o território brasileiro. É sabido que a nossa língua, que é aqui nosso objeto de estudo, encontra-se moldada ao meio em que estamos inseridos, cada indivíduo traz consigo um grande acervo linguístico e este também está em constante mudança, não podemos ignorar nem a fala, nem a escrita de nossos alunos, apenas precisamos administrar a maneira como as utilizamos.

Portanto, este estudo nos expõe o ponto de vista de alguns estudiosos sobre o ensino da língua portuguesa e das suas variedades linguísticas no Brasil. Destacamos a importância da realização desta pesquisa, a qual vamos observar a interferência do preconceito linguístico na aprendizagem dos alunos e verificaremos os reflexos causados por este fator a partir de pesquisas já realizadas sobre essa temática.

Importa mencionar que o objetivo principal desta pesquisa é apresentar uma proposta de ensino sobre variação e preconceito linguístico, a partir do uso de *posts* do *facebook* na sala de aula. De forma geral, pretende-se com esta pesquisa, definir o conceito de variação linguística e preconceito linguístico, investigar a relação existente entre o preconceito linguístico e a aprendizagem dos alunos na sala de aula, e apresentar um modelo de atividade lúdica para o ensino de variação e preconceito linguístico na sala de aula, proporcionando um momento de aprendizagem dinâmico e criativo, para um assunto muitas vezes discutido com indelicadezas e ausência de uma metodologia adequada ao contexto da sala de aula.

Desta forma, utilizamos *posts* do *facebook* como apoio e técnica de ensino, objetivando elucidar alunos e professores quanto aos seus direitos e deveres para com o ensino e aprendizagem da nossa língua materna. A escolha da rede social *facebook* como material de análise vem de encontro à proximidade da juventude, em grande maioria, em tê-la como forma de comunicação, espaço em que há diversas pessoas reunidas virtualmente e as

mais variadas expressões possibilitando, assim uma metodologia mais dinâmica e criativa para o ensino e aprendizagem.

A metodologia utilizada para a realização do trabalho obedece a procedimentos de pesquisa documental de cunho qualitativo, que conforme Rampazzo (2012), “[...] busca uma compreensão particular daquilo que estuda: o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados”. Ou seja, os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos.

De acordo com Carvalho (2000), “a pesquisa bibliográfica é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema”. Sendo assim, o embasamento teórico deste estudo se dará por meio de pesquisas bibliográficas, feitas por meio de leituras de livros, artigos científicos, trabalhos de conclusões de curso, dissertações, teses e etc., a fim de coletar o maior número possível de informações a respeito do tema proposto para esta pesquisa.

Em suma, este trabalho está dividido em quatro partes, sendo estas: a introdução; a segunda parte traz a fundamentação teórica com as opiniões de alguns estudiosos da língua portuguesa sobre o preconceito linguístico e as variedades linguísticas; a parte três fica responsável por apresentar a análise dos dados e, por fim, na quarta e última parte apresentamos as considerações finais sobre o tema exposto.

1. Fundamentação teórica

1.1 A heterogeneidade da língua: o preconceito linguístico

Entende-se como preconceito linguístico o julgamento depreciativo contra determinadas variedades linguísticas, tendo como foco a forma “diferente” de falar de algumas pessoas. Alguns falantes do português padrão afirmam que o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social, o que para Bagno (2007) é mito. De acordo com o autor, o preconceito linguístico nasce da ideia de que há uma única língua portuguesa correta, que é ensinada nas escolas, presente nos livros e dicionários e baseia-se na gramática normativa.

Bagno afirma que a ideologia geradora do preconceito linguístico pode ser comparada a um *iceberg*, no qual a língua seria “[...]um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa [...] a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma-padrão” (BAGNO, 2007, p. 20). Seguindo tal ponto de vista, a língua é

comparada com um rio, enquanto a gramática normativa é comparada a um *Igapó*, ou seja, um brejo ou terreno alagadiço, no qual Bagno questiona,

Você sabe o que é um *Igapó*? Na Amazônia, *igapó* é um trecho de mata inundada, uma grande poça de água estagnada às margens de um rio, sobretudo depois da cheia. Parece ser uma boa imagem para a gramática normativa. Enquanto a *língua* é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a *gramática normativa* é apenas um *igapó*, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço à margem da língua. Enquanto a água do *igapó/gramática normativa* envelhece e só se renova quando vier a próxima cheia. Meu objetivo atualmente, junto com muitos linguístas e pesquisadores, é acelerar ao máximo essa próxima cheia [...] (BAGNO, 2007, p. 20).

Ao falarmos sobre o preconceito linguístico no Brasil, percebemos que existe uma grande dificuldade de reconhecer a diversidade existente na maneira de falar do país. A maioria da população deixa de usufruir seus direitos por desconhecê-los. Ainda sob a perspectiva de Bagno, “o preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que faz parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui” (BAGNO, 2005, p. 13).

Sabemos que existe um número considerável de variantes da língua portuguesa, principalmente no Brasil, e neste contexto podemos encontrar também o preconceito linguístico de uma forma bem acentuada. Contudo, é na escola que este preconceito assume uma forma mais expressiva, pois a gramática além de não reconhecer as transformações que a língua está passando as reconhece como “erros” em vez de “variações”. De acordo com Bagno,

O que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Por outro lado, não é a gramática normativa que vai “garantir a existência de um padrão linguístico uniforme”. Esse padrão linguístico existe na sociedade, independentemente de haver ou não livros que o descrevam (BAGNO, 2005, p. 62-66).

Observamos que a norma culta é um objeto de grande ascensão social e influência significativa na vida social e econômica de todos os indivíduos. A sociedade acredita e cobra dos professores de língua portuguesa que esta seja ensinada corretamente. É sabido, que a norma culta pode e deve ser repassada a esses alunos, porém, para que se tenham os efeitos esperados, não podemos cobrar dos indivíduos que aprendam a norma culta da noite para o dia, este aprendizado requer tempo para que possa ser assimilado pelos aprendizes.

O preconceito linguístico é um grande inimigo desse precioso tempo, pois acaba limitando e podendo o processo de ensino e aprendizagem. Bagno ressalta que, “os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas

que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo” (BAGNO, 2005, p. 73-75).

Diante de mudanças e tendências motivadoras na educação, o ensino tem ficado mais tolerante, muitos têm colocado em prática as mudanças que ocorreram na sociedade, mas não podemos ser hipócritas em dizer que o preconceito linguístico é algo que não se nota, a sociedade ainda é bastante preconceituosa e estes preconceitos impregnam a mentalidade das pessoas e torna-se parte da nossa vivência.

Bagno (2005) mostra caminhos, faz indagações e nos capacita para o entendimento da língua enquanto objeto vivo, ele nos faz ter o entendimento que a língua é algo que está em constante transformação. Sabemos que existe uma grande crise na língua portuguesa, estudiosos defendem que a norma a ser ensinada em sala de aula é a norma culta, mas na verdade não sabemos ao certo o que é, e nem onde essa se encontra, para cada problema ou fracasso existe sempre explicações não muito óbvias e nem convincentes. Geralmente joga-se nos analfabetos, jovens e nas crianças que estão fora da sala de aula, a culpa do processo que justifica o preconceito linguístico.

Para romper o círculo vicioso do preconceito linguístico no ponto em que temos mais poder para atacá-lo, a prática de ensino, precisamos rever toda uma série de “velhas opiniões formadas” que ainda dominam nossa maneira de ver nosso próprio trabalho (BAGNO, 2005, p. 118 – 119).

Ainda segundo Bagno (2005), ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira.

Ainda falando de certo ou errado há quem diga que tudo que se fala é aceitável, mas sabemos que não é bem assim, a sociedade não aceita determinadas falas e essas pessoas vão ser discriminadas, as classes que são dominantes vão de maneira egoísta e sem piedade fazendo suas classificações e deixando somente aqueles que se enquadram no modelo de falantes que são considerados ideais para a sociedade. Conforme Bagno (2005, p. 130), “como sempre, tudo vai depender de quem diz o quê, a quem, como, quando, onde, por que e visado que efeito [...]”.

Para que tenhamos êxito em nossos ensinamentos, temos que trabalhar arduamente correr em busca de parcerias e tentar ser eficientes dando o melhor de nós, para que a educação seja de forma rejuvenescedora e coerente em cada etapa da vida escolar dos nossos

alunos. Temos que ter sempre em mente que as linguagens estão em constante evolução, e a mente dos educadores também precisa acompanhar todos esses processos de mudanças, pois continuar com a maneira tradicional de ensino seria cometer sempre o mesmo erro.

Enfim, sabe-se que preconceito é a rejeição de algo, e quando isto é voltado para a língua, obviamente, é a não aceitação das diferenças do seu próprio idioma. Contudo, é preciso que se tenha o reconhecimento da variação linguística, respeitando os falares de cada indivíduo, pois sabemos que aceitar a fala individual é muito complicado para alguns educadores tradicionais, mas é coerente e aceitável, considerando que o preconceito linguístico destrói o crescimento intelectual e faz com que o indivíduo não desenvolva suas habilidades linguísticas de forma adequada.

1.2 O que é variação linguística? Por que e como ensiná-la?

Entende-se por variação linguística os vários falares entre falantes de uma língua. Toda língua tem suas variações, justificadas não apenas pelo fato histórico, mas também pelas diferenças regionais, sociais, pelo grau de escolaridade, sexo e pelas categorias profissionais. À maneira de Dubois (1973):

Chama-se variação o fenômeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social. A variação diacrônica da língua dá lugar aos diversos trabalhos de gramática histórica; a variação no espaço fornece seu objeto à geografia* linguística e à dialetologia no sentido corrente do termo; a sociolinguística se ocupa da variação social (DUBOIS, 1973, p. 609).

O termo variação linguística vem sendo empregado com frequência desde a década de 1960, década em que se deu o surgimento da Sociolinguística variacionista nos Estados Unidos a partir de Labov. Na perspectiva de Câmara Júnior (1986, p. 239),

A variação é a consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso [...]. Pode ser livre, quando decorrente da própria impossibilidade de se repetir uma forma sempre exatamente da mesma maneira e de se chegar a uma identificação absoluta de realização entre todos os falantes de um mesma língua.

Para Brandão (1991, p. 82), variação é o “fenômeno pelo qual uma língua se concretiza diferentemente em função da época e do local em que é utilizada, da condição social do falante e da situação em que este se encontra”. Dessa forma, sabemos que a variação linguística ocorre na pronúncia, no vocabulário e na gramática. E as variedades linguísticas ocorrem de acordo com os fatores sociais, situacionais e geográficos. Esses elementos são

responsáveis por marcar as características linguísticas de um determinado local. Sabe-se que cada sujeito tem uma maneira especial de falar a mesma língua, dependendo do ambiente no qual está inserido, a formação educacional e o convívio com pessoas de culturas diferentes, determinam as particularidades linguísticas de cada falante.

Conforme Calvet (2002, p. 82), variação linguística é “a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado”. Porém, em nosso país ainda persiste a ideia da existência de uma única língua, desconsiderando a imensa diversidade do português. Isso se faz notável no contexto escolar, em que se perpetua um ensino de cunho tradicionalista, pautando-se no ensino da gramática prescritiva/norma padrão e suas regras maçantes, ao impor o seu ensino nas escolas como se fosse a única forma correta não levando em consideração as demais variantes.

Bagno (2006) expõe alguns mitos a respeito da nossa língua e desenvolve uma observação de cunho crítico: segundo o autor, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. Ainda sob a perspectiva do autor o ideal para as escolas seria fazer um ensino de língua portuguesa pautando-se nas variedades linguísticas passando a vê-las pelo aspecto positivo, considerando-as como “riquezas”, pois permitem ao aluno um maior arcabouço linguístico no tocante a poder falar de diversas maneiras uma única coisa.

Nas palavras de Soares (2002, p. 32),

Me parece muito mais interessante estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades linguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.

Dessa maneira, tem-se um estudo amplo e funcional a respeito da língua, dando sentido a esse ensino, valorizando todos os elos linguísticos que constituem o sistema da língua brasileira. Além disso, diminui-se a incidência das práticas de discriminação e preconceito para com as outras variedades que fogem a da norma padrão, retratando, assim, a realidade linguística brasileira e a amenizar a frequência da prática de preconceito linguístico.

Sabe-se que a maioria dos professores, na prática em sala de aula, não apresentam aos seus alunos as diferentes variedades linguísticas existentes em nosso país e, quando o aluno tenta expressar-se em uma variedade linguística diferente da língua padrão, é corrigido pelo

professor, o que leva o aluno a pensar que não sabe falar a língua portuguesa e que nunca vai aprendê-la.

Assim, concordamos com a afirmação de Possenti (1998, p.17), para quem “[...] o objetivo da escola é ensinar o português padrão [...]”, para que os alunos possam utilizá-lo quando necessário, no entanto, sabemos que a língua é viva e não estática, como muitos gramáticos insistem em afirmar, então deve-se ensinar os alunos a utilizarem a linguagem correta, mas correta ao contexto em que for exposta e, se essa situação exigir a norma culta, deve-se sabê-la, entretanto, a norma culta que é usada nos dias de hoje. O que não podemos é nos prender as gramáticas como fonte única de todo saber da língua, pois, ainda segundo o autor, “os dicionários e as gramáticas são bons lugares para conhecer aspectos da língua, mas não são os únicos e podem não ser os melhores” (POSSENTI, 1998, p. 23).

É inconcebível exigir dos alunos o mesmo conhecimento gramatical que os professores de português devem ter. A língua descrita na gramática tradicional é mais uma variedade linguística, portanto, deve também ser abordada em sala de aula. Porém a gramática normativa não pode se tornar, ou continuar sendo, uma bíblia para o ensino de língua portuguesa, saber uma língua não consiste apenas em saber analisá-la morfológica e sintaticamente.

Segundo Possenti (1998, p. 30) saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. Alguns gramáticos conservadores, como Cunha (1985) e Almeida (1971), argumentam que o ensino da gramática tradicional é necessário para a preservação da língua portuguesa genuína, no entanto, a língua transforma-se a cada dia que passa, e como afirma Possenti, “não há língua que permaneça uniforme, todas as línguas mudam” (POSSENTI, 1998, p. 38).

No entanto, para Bagno (2002, p. 69-70):

Se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira”, com todas as formas sintáticas consideradas “erradas” pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir seu modo de falar (BAGNO, 2002, p. 69-70).

Sabemos que o preconceito existe e sempre vai existir, em cada canto do nosso país sempre existirá pessoas que vão ter maneiras únicas de interagir, não precisa ser especialista para saber que um povo livre é um povo que sabe ler e interpretar o que está sendo passado para eles, respeitando cada ser com suas habilidades linguísticas, pois cada indivíduo traz consigo uma variedade típica das regiões em que vivem. E o educador não pode querer de uma hora para outra mudar a maneira de se comunicar deste aluno e impor a ele a norma culta.

1.3 O Ensino de língua materna: as variações e o preconceito linguístico

Como bem afirma Bagno (2001, p. 36), “menosprezar, rebaixar, ridicularizar a língua ou a variedade da língua empregada por um ser humano equivale a menosprezá-lo, rebaixá-lo enquanto ser humano”. Na medida em que o professor e a escola não reconhecem a língua ou a variedade da língua desse discente, haverá uma exclusão e a educação estará a favor de uma elitização que anula e não permite outras formas de comunicação.

De acordo com Bagno (2006), não aceitar a língua do outro e privilegiar apenas uma forma de uso da língua no contexto escolar é negar direitos, é uma atitude de invisibilidade do indivíduo, uma vez que essa postura nega não só o indivíduo, mas toda a sua comunidade linguística, e isso é atitude de exclusão. Entende-se que não tem sentido a escola ainda promover em suas práticas de produção textual, textos descontextualizados, que não condizem com a realidade própria vivenciada pelos discentes. Dessa maneira, o ensino de língua materna subjaz a noção de erro/correção/punição que muitas vezes incapacita o discente e constrói efeitos de sentido de incompetência nesse aluno.

Comprendemos que a língua está em constante evolução e sendo assim, muda o tempo todo, e quem a modifica, são os falantes (na maioria das vezes marginalizados na e pela sociedade), pois estes talvez saibam o momento certo de ir adiante nas relações comunicativas porque percebem a necessidade de novos usos lexicais correspondentes aos diversos usos da língua(gem). Dito de outro modo, os falantes podem alterar alguns recursos linguísticos na interação entre a fala e a escrita como economia de tempo na comunicação.

A língua materna é objeto de estudo e de inúmeras pesquisas, e essa mesma língua passa por transformações, historicamente falando o tempo traz essas mudanças nos livros, nas revistas, em artigos, e nas falas dos indivíduos, mas sabemos que essas diferenças nas falas não são bem-aceitas na sociedade e as pessoas passam por discriminação por causa da maneira diferente de se comunicar. Contudo sabemos que estas falas não são erradas, são

apenas variações linguísticas que ao longo dos tempos vem sendo estudadas por muitos estudiosos e também inclusas nas salas de aula, muito embora saibamos que esta matéria ainda não é devidamente ensinada em sala de aula.

Analisamos as obras referentes ao Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (2014, 2015, 2016) adquiridas e distribuídas pelo Ministério da Educação por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, após avaliação da Secretaria de Educação Básica. Referente ao Ensino Fundamental, sendo 6º, 7º, 8º e 9º ano, intitulados “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

Esta coleção impressa trata-se da 7ª edição reformulada, em São Paulo, no ano de 2012, pela editora Saraiva. Analisando toda a coletânea, apenas o livro do 6º ano³, apresenta informações⁴ relacionadas às variedades linguísticas, construindo o conceito, através de uma tirinha de Fernando Gonsales acompanhada de quatro questões dissertativas e conceituando o fenômeno da variação linguística, por meio de uma breve definição.

Na sequência, a obra destaca em forma de texto norma-padrão, variedade de prestígio, variação linguística e preconceito social. Logo, utiliza-se de uma tirinha dessa vez de, Adão Iturrusgarai, para descrever o falar bem e falar adequadamente também seguida de questões dissertativas. Para falar sobre os tipos de variação linguística, tradicionalmente, os autores utilizam-se de uma tirinha do Chico Bento, enfatizando as diferenças de lugar ou região; escolaridade e classe social; diferenças históricas e oralidade e escrita. Com um modelo de e-mail destaca a formalidade e informalidade: graus de monitoramento e as gírias. E encerram o capítulo com dois textos intitulados: “Saudosa maloca” e “Pechada” e alguns exercícios, sendo o primeiro texto voltado para a variação linguística e o segundo direcionado tanto a variação quanto ao preconceito linguístico, infelizmente pouco abordado no conteúdo proposto.

Analisamos também as obras referentes ao Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (2015, 2016, 2017) adquiridas e distribuídas pelo Ministério da Educação por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, após avaliação da Secretaria de Educação Básica. Referente ao Ensino Médio, sendo 1º, 2º e 3º ano, intitulados “Novas Palavras”, de Emilia Amaral; Mauro Ferreira; Ricardo Leite e Severino Antônio.

³ CEREJA, William Roberto [et al.]. Português: linguagens, 6º ano: língua portuguesa. 7. ed. reform. – São Paulo: Saraiva, 2012.

⁴ O capítulo analisado está disponível em anexo.

Esta coleção impressa trata-se da 2ª edição, em São Paulo, no ano de 2013, pela editora FTD. Analisando toda a coletânea, apenas o livro do 1º ano⁵, apresenta informações⁶ relacionadas a variedades linguísticas, a variedade padrão, as variações da língua padrão: língua culta formal e língua culta informal e a variedade não padrão todas as informações são transmitidas em forma de texto e no final os autores apresentam algumas atividades com tirinhas, trechos de textos e poemas que abordam especificamente a variedade linguística. Nota-se que o fenômeno do preconceito linguístico, não é abordado, mesmo sendo de fundamental importância para o ensino da variação linguística.

A partir da análise dos livros didáticos é possível afirmar que apesar da importância de se trabalhar com variação e preconceito linguístico, infelizmente esse assunto ainda é pouco ensinado nas salas de aula. Ratificando assim, a importância dessa pesquisa, onde objetivamos através de *posts* do *facebook*, uma técnica de ensino criativa, lúdica e dinâmica para o ensino da variação e preconceito linguístico. É sabido que a escola é o ambiente que forma o sujeito consciente e crítico de sua própria realidade, onde se convive com diferenças raciais, culturais, religiosas e linguísticas, é nesse universo de diversidades que há o contato e as trocas de experiências com outras culturas e falares para tanto é necessário que haja um respeito as diferenças de cada sujeito. E, sobretudo é a atmosfera educacional que tem que desconstruir não só o preconceito linguístico, mas também o de qualquer outro tipo.

Considerando que a escola é o local que de fato agrega diversidades de etnias, classes e falas e desse modo é responsável por conter essas diversidades em um único ambiente, este trabalho mostra os procedimentos da reeducação sociolinguística na sala de aula por meio de um objeto de estudo real para todos.

Evidenciando que segundo Possenti (2005, p. 95), é papel da escola criar condições para que os alunos aprendam às variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade, dando-lhes oportunidades de conhecer o processo de variação linguística que deverá ser bastante explorada pelos professores, para então, aprender a respeitar as suas diferenças e deixar de lado os inúmeros preconceitos, entre eles o linguístico.

Dessa forma, é possível afirmar que o ensino da língua nos níveis de Ensino Fundamental e Médio reveste-se de crucial importância, requerendo que, cada vez mais, os professores estejam devidamente capacitados a cumprirem sua importante tarefa, fio condutor, para desconstruir o preconceito linguístico, com novas práticas de ensino e aprendizagem do português dentro da sala de aula.

⁵ AMARAL, Emilia [et al.]. Novas palavras: 1º ano. 2ª ed. – São Paulo: FTD, 2013.

⁶ O capítulo analisado está disponível em anexo.

1.4 O uso dos *posts* do *facebook* na sala de aula

Ao fazer esta pesquisa observamos que a diversidade que existe em nosso país vai muito além das fronteiras geográficas. As várias formas de falar e de escrever de um determinado local vem de costumes e também de várias culturas que se aglomeram em um só lugar. Não podemos afirmar que existe o certo e o errado na fala, pois o que existe realmente são pessoas de culturas diferentes com formas variadas de se comunicar e neste vai e vem de multiplicidades nascem também novas formas de interagir e tornar a convivência mais fácil.

Analisando alguns *posts* do *facebook* obtivemos uma ideia da realidade do nosso país, observamos através dos *posts* variações linguísticas existentes na escrita, provenientes da língua falada, acompanhadas de um grau elevado de preconceito linguístico. Logo, nos direcionamos à hipótese de que, o preconceito sobre a maneira de falar das pessoas afeta todo um processo de vida, por isso enfatizamos nessa pesquisa a necessidade de atividades inovadoras que levem nossos alunos a compreender melhor essa problemática, bem como os ajudem a enfrentar e não cometer o preconceito linguístico.

A partir da análise dos *posts* notamos que seu uso como objeto de estudo é de grande valor, como técnica de ensino para a sala de aula, exatamente pelo fato de fazer parte do dia a dia de nossos alunos, tornando-se desta forma acessível e útil.

2. Apresentação e análise dos dados

A análise dos dados é um momento da leitura e apreciação de tudo o que foi coletado, realizando a decodificação necessária para se chegar a um resultado concreto. No decorrer deste capítulo, iremos analisar alguns *posts* selecionados da rede social *facebook* com o objetivo metodológico de ensinar variação linguística na sala de aula, de uma forma diversificada, menos repulsiva, mais dinâmica, criativa, útil e eficiente, distinguindo dos métodos tradicionais. Na sequência observe o primeiro *post* analisado:



Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/palavreado/preconceito-linguistico>. Acesso em: 10/08/2015.

No *post* acima, pode-se visualizar uma realidade próxima à vivenciada por muitos estudantes nos dias atuais. É difícil acreditar que mesmo com os avanços linguísticos, com as propostas de um ensino mais reflexivo da língua portuguesa, muitos professores ainda utilizam a gramática normativa e o livro didático como norteadores de sua prática e simplesmente desconsideram a língua utilizada pelos alunos, o seu português não-padrão. Essa imagem serve para nos guiar como educadores e nos direciona a uma técnica de ensino diferenciada para não cometermos os mesmos erros que vem sendo cometidos anos após anos.

De acordo com Bagno (2004, p. 15), “ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato a língua comum a todos, independentemente da situação em que se encontra o falante”. No entanto, é fundamental que a escola aprenda a trabalhar com a diversidade, principalmente com a linguística, para que o aluno não sofra o preconceito linguístico, não seja rotulado como deficiente linguístico e não se sinta inferior e desestimulado a aprender. Note o *post* abaixo:



Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0301-2.pdf>. Acesso em: 17/05/2015.

Por intermédio deste *post* vemos que infelizmente esse combate não tem atingido como esperado o preconceito linguístico, pelo contrário, a cada dia vemos esse preconceito ser alimentado pelos meios de comunicação, que pretendem ensinar o que é certo e o que é errado, brincando com culturas, línguas, ambiente, sexo, idade e etc., sem ao menos notar que estão humilhando a existência de muitos, pelo simples fato de serem ou falarem de forma diferente, como é o caso dos personagens acima, indivíduos da zona rural que servem sempre de exemplo para piadas e chacotas por possuírem uma variação linguística marcada pelo tempo, espaço e cultura.

Conforme Bagno (2011, p. 23), “parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica”. Veja o *post* a seguir:



Disponível em: <http://conexaolinguistica.blogspot.com.br/p/humor-linguistico.html>. Acesso em: 18/08/2015.

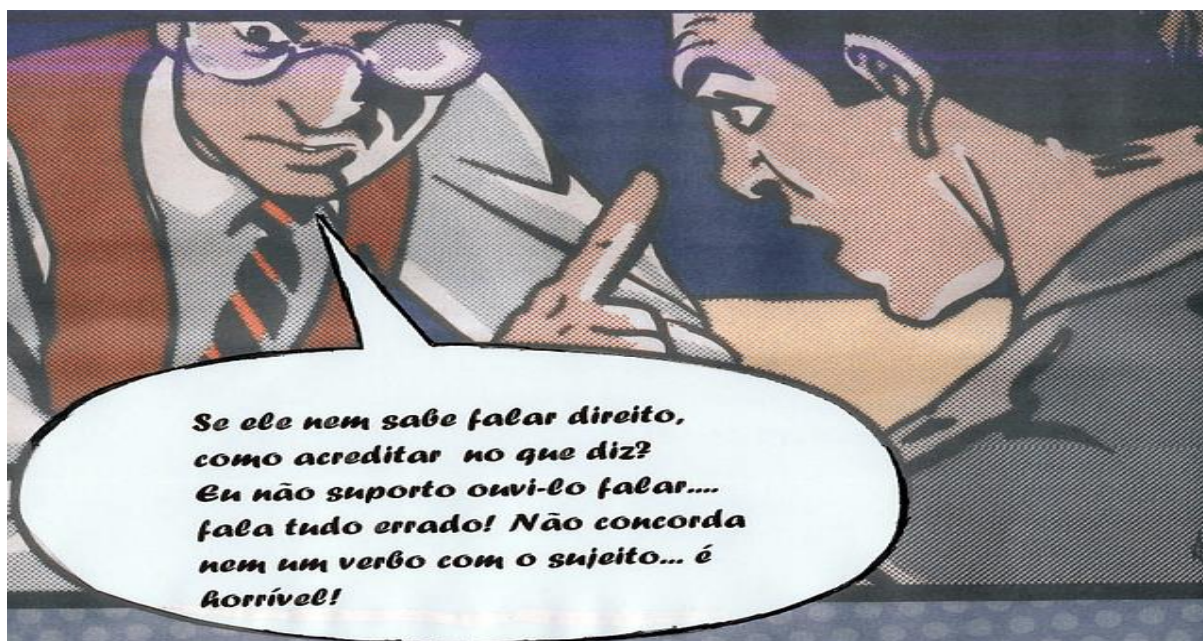
O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é invisível, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, e pouquíssimas pessoas reconhecem sua existência, que dirá sua gravidade como problema social (BAGNO, 2011, p. 24). Chico Bento tem como principal característica ser um falante do português não-padrão, mais especificamente do dialeto caipira. Em sua fala, geralmente encontramos os fenômenos, *rotacismo*, *yeísmo*, *simplificação das conjugações verbais*, *metafonia*, *marcas redundantes de plural*, *arcaísmo linguístico*, *gramaticalização*, *redução do ditongo* entre outros fenômenos que para muitos trata-se de uma variedade errada, mas ao contrário estas possuem uma explicação lógica para existir e serem utilizadas por um grande grupo de falantes que vivem no Brasil. Como vimos no *post* acima, Chico não comete um erro e sim utiliza uma lógica natural da língua inserida em seu grupo social. Essas variantes são características do dialeto caipira e diferentemente do que o leitor pensa, elas não estão

erradas. O próximo *post* analisado é um bom exemplo para entender melhor alguns desses fenômenos:



Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0301-2.pdf>.
Acesso em: 10/09/2015.

Neste *post*, há mais uma vez, uma característica do dialeto caipira. Destacamos a variedade “oia”, com uma transformação do LH em I conhecida por *yeísmo* que ocorre devido a uma questão de comodidade articulatória. Segundo Bagno (2005, p. 59), “a consoante lh é produzida com a ponta da língua tocando o palato (céu da boca) muito perto do ponto onde é produzida a semivogal i”. Esta proximidade e comodidade maior em se pronunciar o “i” levaram a transformação. Lembrando que o *yeísmo* é uma tendência natural da nossa língua. Sendo assim, no *post* acima, não há um erro e sim uma lógica natural da língua inserida em grupo social, variantes características do dialeto caipira. Analise o *post* a seguir:



Disponível em: <http://experimentos-svp.blogspot.com.br/2010/12/preconceito-e-intolerancia-linguistica.html>.
Acesso em: 20/10/2015.

A imagem fala por si, mas o preconceito e a intolerância explícitos nos direcionam a lógica do preconceito linguístico que é baseado na ideia de que só o que você aprendeu na escola e o que está no dicionário são de fato o português correto. Qualquer ocorrência que questione essa ideia será vista e tratada como “grosseria”, “ignorância” e “burrice”, podendo muitas vezes até servir de chacota para alguns. O que é realmente triste é a maneira como essas diferenças são tratadas, pois não se trata simplesmente de uma língua, mas sim de quem a fala e de onde ela é falada, ou seja, o problema não está naquilo e na forma que se fala e sim, em quem fala o quê e de onde se fala, pois muitos levam em consideração uma visão preconceituosa acerca da classe social do indivíduo que fala diferente do usual.

Para Bagno (2011, p. 26), “o preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui”. Ressalve essa afirmativa de Bagno (2011), no *post* a seguir:



Disponível em: <http://aprendersemprecomtudoetodos.blogspot.com.br/2014/02/atividade-de-charge-tirinha.html>. Acesso em: 10/08/2015.

Este *post* retrata o preconceito para com pessoas de menor prestígio social e menor poder aquisitivo, que são predominantemente, o alvo de todo e qualquer tipo de preconceito, principalmente o linguístico. E nos leva a uma reflexão feita por Bagno (2010), quando o autor afirma que podemos amar e cultivar nossa língua, mas sem esquecer o preço altíssimo que muita gente pagou para que ela se implantasse como idioma nacional. Podemos afirmar que o preconceito linguístico é a falta de conhecimento sobre as variedades da nossa língua materna, é uma forma de discriminação. A partir deste *post* podemos fazer uma relação com a obra sociolinguística de Marcos Bagno, “A língua de Eulália”. Nesta obra, o autor procura mostrar que o uso de uma linguagem diferente, nem sempre pode ser considerado um erro de português. O modo estranho de pessoas falarem pode ser explicado por algumas ciências

como a linguística, a história, a sociologia e até mesmo a psicologia. Em diálogos e observações sobre o modo de falar de Eulália – a empregada e amiga de muitos anos de Irene –, as jovens aprendem que por mais estranhas que possam parecer certas pronúncias, por mais incompatíveis que sejam com o português padrão que aprendemos na escola, cada uma dessas palavras têm uma origem perfeitamente explicável dentro da história da língua portuguesa. Vejamos mais um exemplo no *post* abaixo:



Disponível em: <http://letras2011grupo4.blogspot.com.br/>. Acesso em: 19/09/2015.

Falar diferente não é falar errado, portanto corrigir ou mesmo identificar este modo de falar do caipira como uma maneira inculta de expressar-se é conseqüentemente não valorizar as riquíssimas variedades culturais brasileiras e paralelamente vivificar e legitimar uma dominação cultural, econômica ou social. A língua é a expressão da cultura, e devemos olhar para ela sem discriminação, sem menosprezá-la, diminuí-la ou excluí-la. Analisar *posts*, trabalhar com tirinhas e/ou charges, é uma forma eficiente de fazer nossos alunos aprenderem a respeitar e valorizar verdadeiramente as variedades linguísticas de um país multicultural, sem contar que esse tipo de atividade é sempre bem vinda na sala de aula. Tendo em vista as origens e os porquês do preconceito, podemos reelaborar, reconstruir e reeducar nossos olhares e voltá-los não somente à tolerância, mas à riqueza da nossa história e à diversidade. Como se observa no *post*, que segue.



Disponível em: <http://nr29.blogspot.com.br/2011/05/preconceito-linguistico.html>. Acesso em: 24/08/2015.

Neste *post*, notamos uma fala típica de uma classe social menos privilegiada, à margem da sociedade, na tentativa de marcar o território em que vive, uma crítica quanto a língua culta como variedade de prestígio. Nota-se a forte presença da variação, aos poucos tomando seu lugar, marcando a maneira como a fala interfere na vida das pessoas e como a variação linguística transforma o cotidiano dos indivíduos que a utilizam. Segundo Bagno,

A variação não ocorre somente no modo de falar das diferentes comunidades, dos grupos sociais, quando a gente compara uns com os outros. Ela também se mostra no comportamento linguístico de cada indivíduo, de cada falante da língua. Nós variamos o nosso modo de falar, individualmente, de maneira mais consciente ou menos consciente, conforme a situação de interação em que nos encontramos. (BAGNO, 2004, p. 44).

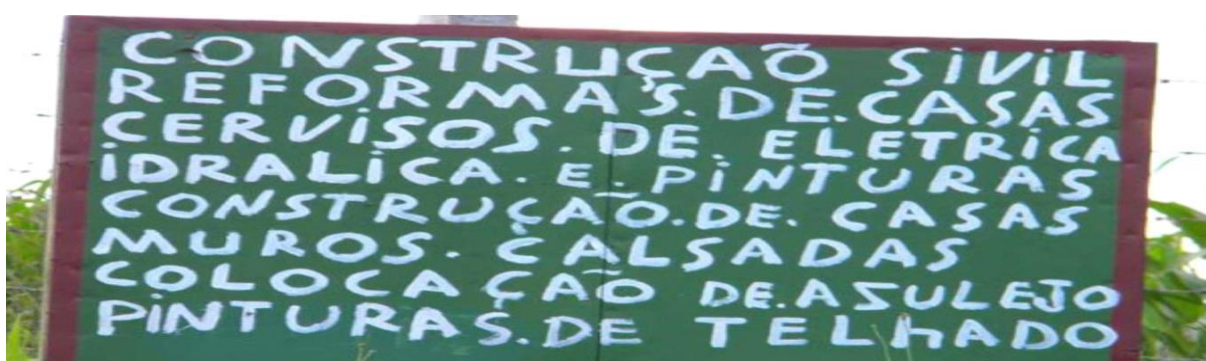
No *post* acima, o anunciador, mesmo demonstrando não ter muito domínio acerca dos fatores gramaticais, deixou evidenciadas algumas marcas notórias, tais como a construção de todos os enunciados contendo um sujeito e um predicado. Partindo dessa premissa, torna-se importante repensarmos algumas posturas no que se refere à concepção da variedade padrão da linguagem. A partir deste *post* podemos afirmar que quando conseguimos estabelecer uma compreensão linguística, no processo de comunicação, independentemente do grau da variedade linguística presente no indivíduo, nasce à capacidade de aceitação das diferenças, a tolerância e o respeito ao próximo, eliminando assim todo e qualquer tipo de preconceito, mas em especial o preconceito linguístico. Conforme se pode ver no *post* analisado abaixo:



Disponível em: <http://preconceito---linguistico.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10/08/2015.

Esse *post* confirma a forma como a educação é distribuída em nosso país, mostra como as pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar uma sala de aula buscam de várias formas sobreviver, deixando claro que a maneira de escrever e de falar para eles não são prioridades, pois estas pessoas buscam simplesmente viver e sobreviver. Mesmo em

determinado grupo que tem língua materna comum, cada falante se expressa de maneira diferente, apresenta particularidades de acordo com a idade, nível socioeconômico e de escolaridade, local onde nasceu e profissão que exerce. Assim, a partir do texto que divulga a venda de tapioca é possível elaborar o perfil de quem o escreveu e fica evidente que a transformação do indivíduo se dá através da educação, ou seja, se as habilidades linguísticas não forem adequadamente exploradas, o falante terá dificuldades em manter a comunicação com pessoas de classes sociais diferentes, e além de ter que viver com o preconceito sofrerá para sobreviver com o diferente. Vejamos a situação proposta no *post* analisado na sequência:



Disponível em: <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=293&evento=5>. Acesso em: 10/08/2015.

O *post* descreve indivíduos que possuem uma maneira específica de falar, herdada do meio em que vivem, da cultura, da ausência de educação, das próprias variações linguísticas internalizadas e refletidas na sua língua materna. Neste exemplo, fica evidente que a tão falada língua-padrão torna-se um paradoxo quando relacionada às situações como esta. De acordo com Bagno,

Não existe uma “variedade-padrão”. E por que não existe? Porque para nos referirmos a uma variedade da língua, é preciso também, obrigatoriamente, nos referirmos aos seres humanos que falam essa variedade. Ora, quando falamos de padrão não estamos falando de uma variedade da língua viva, palpável, que a gente possa gravar em fita ou coletar em textos escritos. O padrão é sempre um modelo, uma referência, uma medida, um critério de avaliação. Um padrão nunca é a própria coisa a ser medida, avaliada. Por isso, usar a expressão variedade-padrão chega a ser um paradoxo. (BAGNO, 2005, p. 158).

Diante desta afirmação, dizer que a língua padrão deve ser falada por todos é uma grande ingenuidade, pois as mais variadas formas de comunicação existentes confrontam pesquisas, quando relacionadas ao fato de que se houve entendimento, de fato ocorreu à fala. Note o *post* abaixo:



Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0301-2.pdf>. Acesso em: 10/08/2015.

É muito comum ouvirmos pessoas trocarem o L por R, na fala, sendo assim, esta variação, justifica-se pela oralidade do indivíduo. Neste *post* a pessoa que fez a alteração da placa teve a infelicidade de trocar a letra (no nome da cidade) fazendo notar ainda mais a ilegitimidade da placa, evidenciando que trata-se de um carro “roubado”, e/ou com uma placa falsa. No entanto, há uma explicação para essa variação.

Existe na língua portuguesa uma tendência natural em transformar em R o L dos encontros consonantais, e este fenômeno tem até um nome complicado: *rotacismo*. Quem diz broco em lugar de bloco não é “burro”, não fala “errado” nem é “engraçado”, mas está apenas acompanhando a natural inclinação raticizante da língua. Mas nenhuma delas tem nada a ver com “certo” ou “errado”. Pode ter sido uma tentativa de alguns escritores e gramáticos de “recuperar” a forma latina original. Pode ter sido uma simples questão de opção: na época de Alencar e Machado havia liberdade de escolha entre froco e floco, o que hoje já não existe (BAGNO, 2004, p. 44-45).

Por mais que tenhamos cuidado com nossa fala e escrita, sempre existirá palavras que não estão de acordo com a norma culta e por isso são consideradas “erradas”, o que nos chama atenção é a forma como essas variações são trabalhadas nas salas de aula. O *post* a seguir, exemplifica melhor essa afirmação:

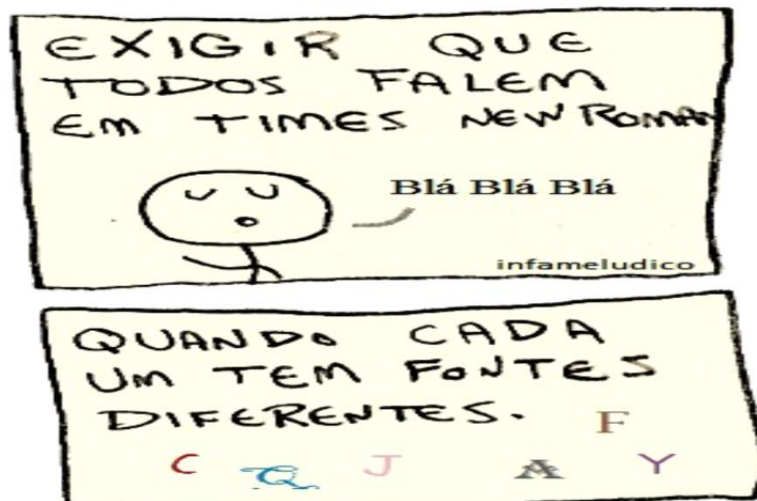


Disponível em: <http://stella9ceviva.blogspot.com.br/2012/11/preconceito-linguistico.html>. Acesso em: 10/08/2015.

Esse *post* no direciona ao fato de que a linguagem rural e/ou caipira é considerada por muitos como uma linguagem “errada”. No entanto, sabemos que esta afirmação não é correta, pois as variantes típicas desse contexto existem exatamente por se tratar de um ambiente que exige um menor policiamento na fala, ou seja, não se trata de um “erro”, mas sim de uma linguagem variada e adaptada ao contexto. O *post* apresenta uma pergunta ambígua, ou seja, com duplo sentido, nota-se que uma pessoa “caipira” não entende a pergunta que lhe foi feita e dá uma resposta completamente distorcida e distante da esperada. Situações como essas são comuns, a presença do preconceito linguístico na fala de determinado grupo social, não se trata de um fato isolado, mas sim corriqueiro. De acordo com Ilari,

É comum, nas línguas das sociedades mais complexas, que os falantes procurem definir e consagrar modelos de uso, pois em todas as situações socialmente relevantes falar (ou escrever) segundo os modelos mais prestigiados é uma forma de reforçar a adesão a certo grupo e, indiretamente, de acrescentar valor à própria mensagem. (ILARI, 2006, p. 213).

Apreciemos o *post* abaixo:



Disponível em: <https://mundotexto.wordpress.com/tag/signo/>. Acesso em: 10/08/2015.

A análise deste *post* nos direciona a explicação que Bagno (2011, p.26-27) faz quando em sua obra “Preconceito linguístico: o que é, como se faz” define o mito de que “o português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente” e classifica essa afirmação como o maior e mais sério dos mitos, um “(pré)conceito irreal da unidade linguística do Brasil”. O autor argumenta que “esse mito é prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros”, em outras se retira a variabilidade linguística do que é ensinado nas escolas e passa a ideia da existência de uma única língua comum a todos, não se levando em consideração os múltiplos fatores inerentes a cada grupo da população, ou seja, “independentemente da idade, origem geográfica, situação econômica, grau de escolarização e etc”. A escola e as instituições voltadas à educação precisam desmistificar o conceito de “unidade”, para “melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada”, que traz para a sala de aula uma bagagem linguística que difere da que, naquele ambiente, será ensinada. É como se o aluno fosse aprender a língua estrangeira de sua própria língua. Segundo Bagno (2011, p. 27),

[...] o fato é que, como a ciência linguística moderna já comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e de uso social [...].

O próximo *post* analisado, exemplifica a situação econômica do país e sua relação com a educação. Veja:



Disponível

em:

http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=41500&secao=espaco&request_locale=es. Acesso em: 10/08/2015.

Para Bagno (2011), “o certo é que o errado não existe e o erro é querer sugerir o ”certo” à matriz de nossa língua pelo simples fato de ela guardar o “gene” formal do que falamos”. Neste *post* observamos um retrato bastante claro da situação econômica do nosso país, bem como da precariedade da nossa educação em contextos específicos. Retomamos aqui a questão da sobrevivência, nota-se um interesse comercial, descompromissada com a linguagem. O fato de o anúncio estar escrito de forma correta ou não, não faz diferença, pois há comunicação, a mensagem é transmitida, seu objetivo único (vender) é provavelmente atingido, mas o preconceito infelizmente caminha e prolifera como uma praga em uma plantação. A questão fundamental é **quando** o preconceito linguístico deixará de existir, **como** e **quem** é responsável pela eliminação e/ou transformação linguística? Analise o *post* a seguir:



Disponível em:
http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=41500&secao=espaco&request_locale=es. Acesso em: 10/08/2015.

O preconceito é aprendido e a experiência com as diferenças já começa na infância. A comunidade acadêmica deve se empenhar para que toda discriminação seja banida. Devemos deixar bem claro para nossos alunos, a necessidade de acabar com o preconceito e mostrar que todos são iguais em suas diferenças.

A noção de “erro”, em língua, tem a mesma origem das outras concepções de “certo” e “errado” que circulam a nossa sociedade. Assim, é bom lembrar logo de saída que todas as classificações sociais e culturais de “certo” e “errado” são resultantes de visões de mundo, de juízos de valor, de crenças culturais, de ideologias e, exatamente por isso, estão sujeitas a mudar com o tempo (BAGNO, 2007, p. 61).

3. Considerações Finais

Este trabalho nos motivou apresentar uma proposta metodológica para o ensino da variação e do preconceito linguístico, na sala de aula. Um dos objetivos propostos foi apresentar futuras mudanças na prática de ensino da língua materna, sabendo que as dificuldades existem e que falta uma metodologia, onde a interação do aluno com o professor seja de respeito e cumplicidade. Com a análise dos livros didáticos constatamos que o assunto em questão é abordado de forma bem singela na sala de aula, o tema variação é trabalhado no 6º ano do ensino fundamental, de forma bem superficial, e retomado no 1º ano do ensino médio. No entanto, nada ou quase nada é discutido sobre o preconceito linguístico⁷.

Diante de várias leituras e pesquisas sobre como a variação e o preconceito linguístico são trabalhados em sala de aula, observamos que os educadores ainda tem uma certa resistência em abordar o tema, levando em consideração que os livros didáticos apresentam pouquíssimas informações a respeito do preconceito e da variação linguística. Analisando a opinião de alguns estudiosos, sobre a visão que a escola tem em relação ao ensino da língua portuguesa e suas variedades, bem como a existência do preconceito linguístico em sala de aula. Obtivemos a seguinte conclusão:

Em um primeiro momento, a partir da análise dos livros didáticos, reiteramos a afirmação de que os alunos possuem uma ideia superficial do que é variedade e preconceito linguístico, levando em consideração que o assunto só lhes é apresentado na 6ª série do (ensino fundamental) e retomado no 1º ano do (ensino médio). Com a escassez de informações encontradas referente ao assunto, como proposta de conteúdo, fica evidente que

⁷

Em anexo.

o tema, variação e preconceito linguístico não é amplamente abordado e discutido em sala de aula. No entanto, é fato que o preconceito em relação àqueles que não se expressam de acordo com a variedade padrão não é uma novidade dentro das salas de aulas.

Infelizmente não há uma frequente abordagem nas aulas de língua portuguesa sobre variedades linguísticas, e apenas mencionar a existência delas não é sinônimo de respeitá-las. Professores de língua portuguesa deveriam levar o assunto ainda mais próximo da realidade dos alunos, que seria mostrar as variedades existentes dentro da comunidade em que eles estão inseridos, incentivando-os a pesquisar sobre a língua que eles falam, estimulando-os para que eles conheçam outras variedades e mostrando que as diferenças não são erros, mas apenas diferenças.

Embora o governo tenha dado alguns passos em relação a esse ponto, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, que expõe o assunto e sugere estratégias para trabalhá-lo em sala de aula, sabemos que é pouco apenas elaborar um documento para combater um preconceito que atinge milhões de pessoas. É preciso haver uma integração da sociedade, para que o professor se atualize e se capacite, podendo dedicar-se mais à pesquisa e, assim, melhorar suas aulas.

De acordo com Bechara (1989, p. 14), “a grande missão do professor de língua materna é [...] transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando - lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação [...]”. A partir do momento que conhecemos um determinado assunto nossa visão sobre ele muda e é isso que esse trabalho vem promover.

O preconceito linguístico de que foi falado está inserido e consolidado em vários segmentos da sociedade e pior ainda, ele está presente e/ou se faz presente na escola. Para Bagno (2004, p. 18), é preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país. Assim, o aluno que fala um português diferente não será mais visto como um “analfabeto” ou “deficiente linguístico”; será visto apenas como um falante de uma variedade linguística, já que os PCNs abordam a importância em se respeitar e aceitar o que é diferente, ou seja, a diversidade linguística. Assim, concluímos que, partindo de uma linguagem agradável e acessível (histórias em quadrinhos, charges, tirinhas e/ou *posts*) aos alunos, esse trabalho traz o intuito de, com as explicações feitas, quebrar o círculo do preconceito linguístico na sala de aula.

Desta forma, esperamos que esta pesquisa desperte interesses e desencadeie futuros estudos direcionados a fenômenos linguísticos. Lembramos que o conteúdo desse trabalho

poderá interessar tanto estudantes do curso de Letras quanto professores que já atuam no contexto escolar e estão envolvidos com o ensino de língua portuguesa como língua materna.

4. Referências

- ALMEIDA, Napoleão Mendes. Gramática Metódica da língua Portuguesa. Saraiva, 1971.
- BAGNO, Marcos. Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. A língua de Eulália. Novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. Norma linguística. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa. 4.ed. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 47.ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. Tarefas da educação linguística no Brasil. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v.5, n.1, 2005.
- _____. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2011.
- _____. (org.). Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002.
- BECHARA, Evanildo. Ensino da gramática: opressão? Liberdade? 4.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. Nós chegamos na escola, e agora?: Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRAGA, Maria Luiza. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A Geografia Linguística no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALVET, Louis- Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA JÚNIOR, J. Matoso. Dicionário de Linguística e gramática: referente à língua portuguesa. 13. Ed. –Petrópolis, Vozes, 1986.
- CARVALHO (ORG.), Maria Cecília M. de. Construindo o saber: Metodologia científica Fundamentos e técnicas. 9.ed. São Paulo: Papirus, 2000.

- CUNHA, Celso Ferreira. Gramática da Língua Portuguesa. FAE, 1985.
- DUBOIS, Jean et al. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GERALDI, Wanderley. et al. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997. 36 GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- ILARI, R & Basso, R. O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.
- PERINI, Mário. Sofrendo a gramática. São Paulo: Ática, 1996.
- POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP.: Mercado de Letras, 1998.
- POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2005.
- RAMPAZZO, L. Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2012.
- SOARES, Magda B. Linguagem e escola: uma perspectiva social. 10 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.